

ACM e Temer avisam que pacote pode mudar

No Planalto, os dois alertam que Congresso pode alterar medidas e, principalmente, substituir o aumento do IR

ROSA COSTA
e JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA — Os presidentes da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), alertaram ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso para a possibilidade de o Congresso alterar as medidas do pacote anunciado segunda-feira. A principal mudança seria substituir o aumento do Imposto de Renda da pessoa física por outra fonte de receita.

ACM sugeriu um aumento de dois pontos percentuais no Imposto de Importação, exceetuando os países do Mercosul. Segundo ele, isso renderia o R\$ 1,2 bilhão previsto pelo aumento do IR no pacote fiscal.

A reunião dos três no Palácio do Planalto serviu para dar uma saída política a todos.

Nem Fernando Henrique recuou da decisão de mandar o pacote com todas as 51 medidas anunciadas nem os parlamentares desistiram de criticar o aumento do imposto para a classe média. Apenas transferiram para o Legislativo o ambiente de uma negociação que ainda não está descartada.

Ao ouvir a sugestão de ACM, o presidente não se comprometeu, apenas lembrou que deve ser mantida a meta de reduzir em R\$ 20 bilhões o déficit para o ano que vem. Segundo o senador, Fernando Henrique disse que está disposto a aceitar "a melhor solução". O presidente não é contra o Congresso

modificar as medidas", afirmou ACM. "Quer mantê-las como estão, mas reconhece que o Legislativo é soberano", acrescentou. "E sou irredutível com relação ao aumento do imposto para os assalariados."

Prazo — ACM e Temer asseguraram ao presidente que as medidas provisórias e os projetos serão votados o mais rápido possível, "no máximo dentro de 25 dias". Fernando Henrique prometeu enviar todas as MPs do pacote até segunda-feira. Temer disse que os parlamentares vão fazer todos os esforços para votar a proposta de aumento do IR — com ou sem modificações — até o fim de dezembro. "É um compromisso que temos."

Ao chegar, ACM e Temer foram recebidos pelo presidente com uma brincadeira: "Ainda estamos todos brigados?", perguntou, referindo-se à irritação dos aliados com as críticas que teria feito num discurso. Fernando Henrique disse aos dois que estava falando sobre outras pessoas, em outro contexto, e não havia criticado os parlamentares.

O discurso, a insistência em aumentar o IR e a demora no envio das MPs deixaram os aliados à beira da rebelião. "O presidente não tem o monopólio do patriotismo nem é o detentor das preocupações com a estabilidade econômica", reagiu o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA).

"Se ele nos fez críticas, foi muito infeliz", rebateu o do PFL, Inocêncio Oliveira (PE). "Não vesti a capa-puça, até porque o governo ainda não mandou o pacote ao Congresso." Ele disse não entender por que a equipe econômica fez tanto estardalhaço para divulgar medidas que não estão prontas.

SENADOR
PREFERE ELEVAR
O IMPOSTO DE
IMPORTAÇÃO